

H I S T Ó R I A  

---

**& U T O P I A S**



ORGANIZAÇÃO  
*Ilana Blaj*  
*John M. Monteiro*

A N P U H

---

Associação Nacional de História

# ***HISTÓRIA & UTOPIAS***

---

*Textos apresentados no XVII Simpósio  
Nacional de História*

Organização  
**John Manuel Monteiro**  
**Ilana Blaj**

**A N P U H**

---

Associação Nacional de História

1996

*A problemática das Utopias no contexto dos descobrimentos:  
um contraponto-América/Utopia/Distopia*

*Eliane Garcindo Dayrell*

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Este texto tem como objetivo apontar elementos para discutir a proposição apresentada pelo Professor Ronaldo Vainfas, sob o título “A problemática das Utopias no contexto dos descobrimentos e da Colonização da América”, tema central da Mesa Redonda *Utopias na América Latina*.

Procurarei dar continuidade à abordagem feita pelo expositor observando um eixo que permita retomar a questão da Utopia na relação América-Expansão = “Ocidente” (cf. parágrafo 1 do texto central), encaminhando algumas observações na direção da problemática contemporânea.

Considerarei ainda como paradigma para as reflexões a função/papel/significado da “AMÉRICA” (enquanto novo espaço /continente/contingente) na construção da Utopia referente, os seus desdobramentos e reconstruções. Este recorte não exclui considerações outras, pertinentes e coerentes que não serão agora tratadas.

Saliento as observações sobre a questão do uso original da palavra Utopia, que enquanto lugar indeterminado, inexistente passou por uma modificação a se relacionar com condições especiais de vida, em determinados locais. Mais do que o lugar que não existe, a utopia se configurou como o conjunto de privilegiadas condições experimentadas por uma sociedade, esta sim utópica, ou ordenada sob normas utópicas, que se pretendia construir em algum lugar.

A Utopia de Morus concretiza, realizando oniricamente, o sucesso do projeto de expansão ocidental. Aponta a possibilidade e a materialidade deste projeto corroborando através da reelaboração do imaginário a perspectiva da expansão, inaugurada pela chegada às terras novas. A felicidade podia ser construída neste mundo, embora ainda muito colada ao paraíso. E esta felicidade consiste na concretização de determinadas condições de vida alcançadas no novo “topos”.

A postura colombina é muito elucidativa neste sentido: O ouro (encontrado nas novas terras) serviria à libertação de Jerusalém, ao mesmo tempo, o ouro

está no paraíso (as novas terras) e provavelmente o paraíso está onde está o ouro.

Ora, a América não constitui apenas o modelo para a concepção de um arquétipo da Utopia, mas foi sem dúvida, através dos séculos, desde a “época dos Descobrimentos”, um lugar de construção das utopias, de sociedades utópicas, do ponto de vista do desejo constante do “Ocidente” em sua expansão secular. Certamente não foi o único “topos” deste desejo, mas inegavelmente o compôs.

Um dos elementos centrais deste projeto é pois a expansão — a saída de um lugar de origem e está relacionado com a superação do mal, da distopia. Inclui a busca de riqueza, em tesouros e terras, inclui o desafio ao desconhecido e à sua face monstruosa e demoníaca e inclui, também, o que Vainfas chama “Utopia salvacionista”.

A Utopia da expansão é excludente de outros projetos. A imposição de suas condições de concretização exclui os outros. Busca extinguir outras visões do mundo, implantar a perspectiva de um único devir- o que implica na “conversão” do outro.

A Utopia expressa no projeto colonial se compôs com o movimento de vinda para a América ou fuga para a América. Esta América, é — inicialmente — Índias Ocidentais. O Ocidente é um todo e a medida. Neste espaço a continuidade do movimento percorre vários séculos. A Utopia americana ultrapassa o período colonial.

No século XIX as ondas imigratórias mais seletivas definem mais concretamente o “locus” utópico. Embora todo o continente ainda constitua foco de atração, o centro desta atração é o “norte”. “Fazer a América ” traduz o objetivo da construção de uma sociedade utópica na América do Norte.

Os Estados Nacionais que se definem em toda a América apresentam-se como resposta ao projeto de expansão, enquanto territórios em ocupação. Conquistar novos espaços, avançar, é elemento contínuo desta utopia.

Esse aspecto é observável também no século XX. Até que se esgotem as condições históricas da construção utópica, pelo menos desta.

A construção de um projeto nas sociedades latino-americanas de emigração para o hemisfério norte, embora estejam ancoradas na percepção de seu próprio espaço de vida como lugar da distopia poderiam representar ou ser expressão de uma nova utopia? Seria suficiente a constatação do mal estar humano para que se construísem novas utopias?

Outro aspecto que gostaria de discutir seria relacionado ao que Vainfas denomina “Utopias Ameríndias” e extensivamente africanas. Numa concepção radical a concepção da utopia é uma obra “ocidental”, relacionada à construção da sociedade feliz — ocidental — sujeito capaz de projetar sua utopia, de integrar novos espaços neste processo (espaços de que se apropria).

As “Utopias de resistência” — se assim as podemos nomear — são fragmentárias, não pretendem dar conta de uma totalização universal, não são autônomas, são em princípio tentativas se escapar de utopia alheia. São prisioneiras, não buscam expansão, mas a reconquista da terra, da liberdade, dos requisitos da construção do projeto do devir. Seriam assim as “utopias de resistência” rigorosamente Utopias?

Estas indagações vêm necessariamente precedidas de um questionamento diferenciador entre imaginário religioso, visões de mundo e utopia.